



Sophia Martins

Colégio João Paulo I - JPSul

3ª Série Ensino Médio

Há anos sofremos com isso. Não sabemos como surgiu, mas sabemos quando. Um componente, sem qualquer dado ou registro anterior, surgiu, e matou quase metade da população. Sua primeira vítima: um guarda do pavilhão médico. Foi ele quem libertou o componente, mas ninguém realmente o culpa, ele foi o primeiro a morrer. Quando outras variantes desse componente surgiram, começamos a chamá-las de cargas, devido ao modo como as isolávamos. Assim, começou uma era em que nosso objetivo era extrair as cargas.

Cheguei ao meu destino, um laboratório, e esperei um dos cientistas notar minha presença para poder falar. Quando um deles olhou para mim, entreguei a mensagem. “Encontraram mais um”, afirmei imediatamente. Observei o alarme em seus olhos e eles se virarem para os painéis, botões sendo apertados, cilindros sendo verificados e uma urgência nítida. Me perguntaram se eu sabia o tipo. “Parece novo, ainda não identificado. Já mandaram amostras para o Arquivo. Devem responder logo”, informei. Um alerta, a resposta do Arquivo. Letras vermelhas gritavam, “Não identificado - altamente contagioso!”. Transmiti a mensagem, breve. Outro alerta no computador e mais informações do Arquivo para os cientistas. O outro xingou, balançando a cabeça, frustrado. O mais alto foi quem deu a ordem: “Coloque no pavilhão três, corredor vinte, cilindro vinte e um. Não esqueça de trancar bem!”, exclamou, me alcançando um papel e me dando a deixa para ir embora.

Enquanto ia pegar o pacote, recordei meus amigos e parentes. Pensei na vida deles, em como hoje eles não passavam de números na contagem de mortos, em como eles fazem parte dos quatro bilhões de pessoas que foram exterminadas e em como esse número aumenta cada vez mais. Conseguiremos conter esse componente novo antes de ele se espalhar mais ou ele acabará com tudo? Lembrei de uma visita que fiz ao mundo exterior, fora dos laboratórios. Vivos e mortos se confundiam na fumaça, o oxigênio da máscara embaçava o capacete, e sentia apenas remorso e desespero. Podia ter feito mais.

Peguei a caixa no centro de armazenamento de cargas. O pacote era leve, apesar do peso que ele significava. Fiquei com desejo de abrir e ver o que tinha dentro, ver o que tanto causou problemas para o mundo. Me senti como Pandora e sua caixa de males, ansiava por ver o que tinha dentro tanto quanto temia as consequências.

Outro me perguntaram na escola, antes da primeira carga, como eu imaginava o futuro. Vendo o conteúdo da carga em minhas mãos, já não imagino que haja um.